

# PIONEIROS

*Histórias de quem fez Brasília*



O trabalho foi uma característica forte de Brasília, desde o tempo em que ainda era um sonho. O primeiro deles foi buscar o lugar adequado para construir a nova capital, depois foi o de transformar o cerrado em cidade. Tanto era assim, que brasileiros de todos os cantos chegaram em busca de novas oportunidades. A maioria deles acabou se apaixonando e ficando. Na série *Pioneiros — Histórias de quem fez Brasília*, a memória dos construtores e primeiros moradores é contada semanalmente.

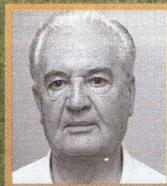
**Elza Kunze Bastos**



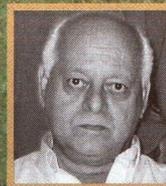
**Felipe Elias Name**



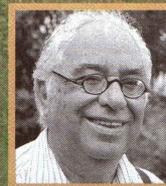
**Geraldo Malvar**



**Norival de Sá**



**Victor Alegria**



## PIONEIROS



Elza Kunze Bastos

# Uma vida dedicada à arquitetura

STELA MÁRIS ZICA  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Pouca idade, mas muita disposição. Foi com esse entusiasmo que a estudante Elza Kunze Bastos chegou a Brasília no ano de 1957. "Eu vim satisfeita, mas sem muita escolha porque quando jovem a gente não pode questionar muito os pais", explica a pioneira que tinha apenas 16 anos de idade.

Os pais de Elza vieram do Rio de Janeiro em busca de trabalho. Como na cidade ainda não havia ginásio, o jeito foi deixar a filha em Goiânia. Aliás, a cidade naquela época era praticamente um deserto. Só para se ter uma idéia, a residência dos Kunze Bastos foi a quarta a ser construída no Núcleo Bandeirante. "Era uma casa simples, de madeira, mas muito confortável". Na frente funcionava a farmácia Noturna — assim denominada por funcionar dia e noite — e nos fundos ficava a residência. "Como havia muitos acidentes de trabalho, a farmácia não fechava", lembra a jovem. Segundo ela, morria muita gente devido às quedas de cima dos andaimos, tratores e caminhões.

Apesar de estudar em Goiânia, era aqui que a jovem gostava de passar os finais de semana e as férias. Ela fazia questão de com-

Arquivo pessoal



ELZA (D) FOI AO PRIMEIRO BAILE OFICIAL DE CARNAVAL DA CIDADE NO TEATRO NACIONAL, FANTASIADA DE BAIANA

parecer às reuniões e festinhas da cidade. "Uma vez minha mãe me avisou que teria uma festa lá no Clube dos Engenheiros e que eu tinha que participar. Era um concurso de beleza, onde seria eleita a Rainha da Primavera". Eram umas dez candidatas. Algumas moravam aqui, outras estudavam fora. O resultado não poderia ser melhor para a pioneira.

A elegância e os traços germânicos de Elza a fizeram Rainha da Primavera. "Aqui tinha pouca di-

versão, mas as pessoas sempre arrumavam um jeito de fazer uma festa", conta. Uma das diversões da estudante era ir ao cinema no Núcleo Bandeirante, que ficava no final da avenida principal. O piquenique também era outro programa da época. O local preferido era nas proximidades do lago, onde aproveitavam para dar uma espiada nas obras da barragem.

A preocupação dos Kunze Bastos ia além da saúde dos candan-

gos. A mãe de Elza, junto com outras colegas, foi responsável pela implantação do colégio La Salle em Brasília por volta de 1959. Só então a filha pôde se mudar definitivamente para a capital e continuar seus estudos. As viagens para Brasília eram inesquecíveis. E com razão. A mato-grossense dava voltas para desembarcar aqui. "Nessa época a rodovia Brasília-Goiânia ainda não existia e por isso tínhamos que passar por Corumbá e levávamos um bom tempo para chegar", lembra.

Sempre ativa, e com talento nato para o desenho, aos 18 anos Elza iniciou seus trabalhos como desenhista no antigo Departamento de Água e Esgoto de Brasília — atual Caesb — quando a cidade estava prestes a ser inaugurada. Era ela quem fazia o cadastramento das redes de água potável e esgoto da nova capital. Como no DAE não existia o quadro de arquitetura, a estudante teve de ser registrada como engenheira.

## O baile de inauguração

"A grande festa de inauguração de Brasília foi a coisa mais linda que já vi em toda a minha vida. Foi no Palácio do Planalto. A orquestra era maravilhosa e autoridades do país inteiro estavam lá", garante a pioneira. "Me lembro que quando a gente parou o

carro de frente ao Palácio eu desci e não acreditei quando olhei para os meus pés completamente sujos de poeira. Mas não tinha jeito", conta conformada. Segundo Elza, antes de entrar no salão, todo mundo dava uma batidinha no tapete para sacudir a poeira. Aquela inesquecível 21 de abril de 1960 ficou na memória e no armário da pioneira que faz questão de guardar a sete chaves o vestido de organza branco e a echarpe que usou no baile. "Naquela época as mulheres eram bem mais femininas", observa. Para dar conta de tantas beldades, foram contratados do Rio e São Paulo vários cabeleiros e maquiadores que trabalharam durante todo o dia no Hotel Nacional.

A inauguração dos ministérios também, segundo ela, jamais será esquecida. "Nós passamos pela Esplanada toda coberta de faixas para serem descerreadas e a alegria era contagiante", diz. O primeiro baile de carnaval da cidade ela lembra como se fosse hoje. "Foi no Teatro Nacional, quando ainda não existiam as cadeiras pouco tempo depois da inauguração de Brasília". Fantasiada de baiana ela conheceu de perto o carnavalesco Clóvis Bornay.

Como aqui não existiam lojas de roupas, a irmã de Elza resolveu

## PIONEIROS

Em 1957, quando ela tinha 16 anos, os pais vieram para Brasília, onde passava os fins de semana e as férias. Em 1959, mudou-se definitivamente para a nova capital

ELZA NÃO SE ARRENDE, EM NENHUM MOMENTO, DE TER SE DEDICADO A PROFISSÃO NA CIDADE DA ARQUITETURA



abrir uma boutique, muito conhecida naquele tempo, a Ma Griffe. A decoração era toda em verde e branco. As roupas vinham do Rio de Janeiro e São Paulo. "Ela funcionava no Núcleo Bandeirante, mas depois tivemos que mudá-la para a 107 Sul, na rua da Igreja. O estilista — Carven — mandou uma carta em francês dizendo que tomou conhecimento de que existia uma loja em Brasília e reclamando os direitos autorais. Mas naquela época a gente desconhecia essa história de direitos autorais". A loja acabou sendo fechada mais tarde, não por causa do estilista, mas porque o marido da irmã de Elza não queria que ela trabalhasse.

Um ano após a inauguração da cidade um grande incêndio na residência dos Kunzen Bastos, na Cidade Livre (Núcleo Bandeirante), abalou toda a família, que teve de se mudar para a W3 Sul onde estavam sendo construídas as primeiras casas particulares de Brasília.

#### O Ingresso na faculdade

A rapidez das obras e o desejo de conhecer os aspectos técnicos da cidade que crescia à sua volta, levaram Elza a cursar arquitetura na Universidade de Brasília em 1962. Diga-se de passagem, o primeiro vestibular da UnB. A estudante obteve os primeiros lugares no exame. Bastante disciplinada — ela estudou no colégio de freiras, Santa Clara, em Goiânia durante três anos — a arquiteta tirou nota máxima em latim. "A cidade crescia muito rápido e a universidade ainda estava começando. Algumas aulas aconteciam ao ar livre porque havia

poucas salas". Segundo Elza, o curso tinha pouco mais de dez mulheres, duas chegaram ao final e apenas ela conseguiu emprego em seguida.

A revolução de 1964 chegou até o campus da universidade. Os policiais invadiram as salas de aula e a estudante e seus colegas foram obrigados a permanecer mais de duas horas na quadra de vôlei. "Eles pediram os documentos de cada um e perguntavam de onde vieram, se tinha algum comunista, mas depois viram que não tinha nada e foram embora". A cena triste dos estudantes na quadra de esportes, da qual participava a pioneira, mereceu destaque no longa-

metragem *Barra 68*, de Vladimir Carvalho.

Com o diploma de arquiteta na mão, a cidadã honorária de Brasília abriu seu escritório no Edifício Rádio Center, na W3 Norte. De lá saíram grandes projetos como o do edifício sede da Codevasf, na 601 Norte. Aprovada no concurso para o antigo Ministério do Interior, Elza foi colocada à disposição da Codevasf, onde trabalhou mais de 20 anos como supervisora de Urbanismo, Habitação e Saneamento. Com tanto trabalho quase não sobrava tempo para o namorado. "Eu ficava 15 dias em Brasília e outros 15 fora, no Vale do São Francisco. Foi bom que eu fiquei conhecendo praticamente

todo o Nordeste", conta a pioneira, que teve de desistir de seu relacionamento por falta de tempo.

Hoje, a arquiteta não se arrepende por ter dedicado por inteiro à profissão. Com dezenas de projetos arquitetônicos espalhados pela capital e cidades satélites, Elza ainda arruma tempo para dedicar às obras assistenciais e às causas ambientais. Ela é sócia-fundadora do Movimento Ecológico do Lago (MEL). "Acredito que não devemos apenas construir, mas principalmente preservar o que construímos". Além da preocupação com as áreas verdes, o movimento busca uma conscientização da sociedade contra a poluição visual.

“  
ME LEMBRO QUE QUANDO A GENTE PAROU O CARRO DE FRENTE AO PALÁCIO EU DESCI E NÃO ACREDITEI QUANDO OLHEI PARA OS MEUS PÉS COMPLETAMENTE SUJOS DE POEIRA. MAS NÃO TINHA JEITO”

## Raio X

**Nome:** Elza Kunze Bastos  
**Idade:** 64 anos  
**Origem:** Poxoréu, Mato Grosso  
**Ano de chegada a Brasília:** 1957 (ela estudava em Goiânia) e mudou definitivamente em 1959  
**Profissão:** Arquiteta  
**Estado civil:** Solteira  
**Algumas homenagens:** Mulher Arquiteta no Congresso Pan-Americano de Arquitetos (1998); Cidadã Honorária de Brasília (2002); Diploma de Honra ao Mérito por trabalhos à comunidade (2003)



## Expediente

Coordenação do Projeto João Lobo Edição Rozane Oliveira Reportagem Bianca Chiavicatti, Stela Mariz Ziza e Vinícius Nader Fotos Daniel Farias, Arquivo Público do Distrito Federal, Arquivo pessoal dos pioneiros e do Correio Braziliense Revisão João Neto Diagramação Glauco Gonçalves Projeto Gráfico Ary Moraes

Agradecimentos ao Clube dos Pioneiros e à Associação dos Candangos e Pioneiros de Brasília pela ajuda na identificação e escolha das entrevistadas



Felipe Elias Name

# Visão para os negócios na nova capital

Arquivo Público



BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

“Goiânia era a capital de um estado, enquanto Brasília seria a capital de 21”. A frase é usada pelo mineiro de Sacramento, Felipe Elias Name, para justificar sua mudança para o local onde estava sendo construído o novo Distrito Federal, em 1958. Bem humorado, aos 86 anos de idade, Felipe diverte-se ao contar as histórias vividas na nova capital da República.

Bem instalado na capital goiana, onde possuía uma loja de tecidos finos e alguns imóveis, Felipe não precisou refletir sobre a decisão de vender tudo e partir em direção ao Planalto Central. Tinha certeza de que o futuro do país estava aqui. Em 1958, enfrentou uma viagem, que na época demorava quase um dia inteiro, para desembarcar sozinho na primeira sede da Novacap, onde hoje está a Candangolândia. “Comprei um terreno e queria logo construir, mas não pude. Tive que esperar a autorização da companhia”, conta.

O terreno ficava na W3 Sul, cuja aparência, na época, era bem distinta da que vemos hoje. Só havia asfalto até a altura da 508 Sul e quase nenhuma loja construída. Impedido de iniciar as obras da loja que nasceria mais tarde na quadra 510 Sul, Felipe não quis mais retornar a Goiânia. A esposa, Leontina Manzan

Name, e os quatro filhos aguardariam na capital goiana o momento ideal de acompanhá-lo. Mas Leontina não suportou a distância e preocupação com o marido e terminou antecipando a vinda, chegando aqui um mês e meio depois de Felipe. “Deixei nossas duas filhas internas em um colégio e vim com nossos dois filhos”, conta. “Não quis vir conhecer a cidade antes porque tinha medo de não gostar e, se isso acontecesse, não me sentiria no direito de atrapalhar a realização do sonho dele”, completa.

## Avenida W3

Quando Leontina e os filhos desembarcaram no futuro Distrito Federal, em 1959, Felipe já havia conseguido a permissão para construir no terreno da W3. “Recebi o segundo alvará de construção da avenida”, revela. As obras eram administradas por uma empresa chamada Brasíliaje.

Felipe vivia em um barraco de madeira no acampamento, onde a esposa e os filhos se instalaram. Dois meses depois, a loja estava pronta. O térreo era alugado para a companhia aérea Pan Air e a sobreloja servia de residência para a família.

Desta época, Leontina e Felipe guardam as melhores lembranças do início da capital. “Tudo acontecia de repente, do dia para a noite”, conta ela. “Lembro-me do dia em que o prédio começou a tremor todo e quando fomos ver eram as máquinas que asfaltavam o restante da avenida W3”, diverte-se.

Apesar da proximidade com a data marcada para a inauguração da capital, 21 de abril de 1960, poucos prédios estavam concluídos na Asa Sul. Da 510 Sul, dava para avistar até o aeroporto, que ainda funcionava em uma sede de madeira. Algumas quadras estavam em construção, como a

106, a 305 e a 108 Sul. “Era um barulho infernal de martelo a noite toda. De manhã, as ruas estavam cheias de pregos que escapavam das obras”, diz Felipe. “Quem lucrava eram os borracheiros, que volta e meia tinham que tapar os furos dos pneus dos poucos carros que circulavam na época”, brinca.

Mesmo depois de asfaltada, só havia uma linha de ônibus local que percorria a W3, fazendo a ida e a volta. Ainda sem automóvel próprio, Felipe lembra-se de diversas vezes preferir fazer as obrigações a pé. “Já até a 502 Sul comprar material para a construção e voltava com a mercadoria nas costas”, afirma.

A falta de mão-de-obra especializada também prejudicava quem fazia negócios em Brasília. Felipe conta ter experimentado o serviço de pelo menos dez pessoas que se apresentavam como eletricitistas e na hora do

FELIPE OCUPOU COM A FAMÍLIA UMA DAS CASAS DA W3 SUL

trabalho causavam pequenos acidentes. “Quando ligávamos a luz para testar, era choque para todo lado”, recorda-se.

## Passelos

Nos primeiros cinco anos após a inauguração, a cidade quase não tinha opções de lazer, mas os moradores transformavam os mais simples acontecimentos em motivo de festa. Leontina lembra-se de quando instalaram a iluminação da ponte do Braguetto, no final da Asa Norte. “Todo mundo queria ir até lá para ver”, diz. Em outra ocasião, o local onde caíra um avião francês no Lago Sul virou ponto de visitação da pequena população do Plano Piloto.

## PIONEIROS

Empresário em Goiânia, o pioneiro resolveu vender tudo e vir para a nova capital, em 1958, certo de que o futuro do país estava aqui. Um mês e meio depois, a família chegou e nunca mais saiu

A Cidade Livre também foi um ponto de encontro comum da população local durante alguns anos, pois lá ficavam as melhores opções de comércio, alguns restaurantes, colégios e até um cinema. Logo quando se mudaram para cá, os filhos de Felipe estudaram na sede do colégio Dom Bosco, que ficava na Cidade Livre. Certa vez, ele resolveu levar os meninos e a esposa ao cinema e terminou se arrependendo. “Era muita gente amontoada na entrada, quando os portões abriam parecia uma manada de bois, perdi meus filhos e minha esposa lá dentro por vários minutos”, conta. “Nunca mais quis voltar lá”, conclui.

**105 Sul**

Depois de dois anos vivendo na W3 Sul, Felipe adquiriu uma loja na 105 Sul e decidiu voltar a trabalhar com o ramo que já conhecia — o comércio de tecidos finos. A clientela da Name Tecidos era garantida, já que aqui ainda não havia boutiques ou lojas de roupas finas para satisfazer as necessidades de autoridades como ministros e parlamentares. “Dona Sarah Kubitschek foi nossa cliente por muito tempo”, conta Leontina. Em alguns meses, o negócio já rendia mais do que a loja que havia sido fechada em Goiânia.

Nesta época, a família passou a viver na sobreloja do novo endereço comercial de Name. As filhas do casal chegaram em Brasília no início de 1960, antes da inauguração. Sônia, a mais nova, não esquece a imagem de Juscelino Kubitschek durante o discurso na noite da festa. “Brasília era pouco iluminada e as luzes do púlpito de onde ele falava criavam um cenário



FELIPE COM A FAMÍLIA NA CIDADE QUE ESCOLHEU PARA AMAR

impressionante”, recorda-se.

Depois de dois anos instalados na 105 Sul, o escritório da Pan Air fechou e Felipe alugou a loja para outra empresa, do ramo de eletrodomésticos. O negócio também fechou e o mineiro decidiu então transferir a loja de tecidos para lá. “Naquela época, quem tinha algum negócio na W3 era considerado rei”, diz. “A avenida era o principal ponto de circulação da população de Brasília”, completa.

Aos poucos os primeiros clubes eram inaugurados, as casas da W3 concluídas e ocupadas e o convívio social ampliado. Para ir ao cinema, não era mais preciso enfrentar o tumulto na Cidade Livre. Na W3 funcionava uma pequena sala do Cine Cultura e na 106 Sul acabava de ser inaugurado o Cine Brasília. Outro ponto de encontro, o Hotel Nacional, também era cada vez mais frequentado pelo jovens, segundo Sônia. Lá funcionava uma lanchonete e a boate Tendinha.

**Instabilidade**

Em 1963, Felipe construiu uma casa no padrão HP3, ou seja, com seis metros e meio de frente, na altura da 710 Sul, e mudou-se com a família para lá. Os negócios da loja na W3 iam bem, mas

“**ERA UM BARULHO INFERNAL DE MARTELO A NOITE TODA. DE MANHÃ, AS RUAS ESTAVAM CHEIAS DE PREGOS QUE ESCAPAVAM DAS OBRAS. QUEM LUCRAVA ERAM OS BORRACHEIROS, QUE VOLTA E MEIA TINHAM QUE TAPAR OS FURO DOS PNEUS DOS POUCOS CARROS QUE CIRCULAVAM NA ÉPOCA**”

a insegurança sobre a permanência de Brasília como capital federal incomodava. “Volta e meia, os deputados tentavam recolher assinaturas para retornar a capital para o Rio de Janeiro”, conta Felipe. Esta instabilidade atrapalhou muito o desenvolvimento da cidade, causou uma crise na economia local e fez muitas pessoas pensarem em abandonar o que tinham construído. “Anápolis e Goiânia progrediam em função de Brasília e nós aqui sofríamos com cada novo boato de retorno”, critica o mineiro.

Por causa disso, em 1966, o pioneiro chegou a tentar vender tudo o que havia construído na capital para mudar-se para São Paulo. Mas o mercado imobiliário em Brasília estava desacreditado e o empresário não conseguiu comprador para os imóveis.

Em 1968, com o mercado local regularizado e a capital finalmente consolidada, ele passou a investir na construção de mais imóveis. Construiu um prédio de nove pavimentos no Setor Comercial Sul, adquiriu terrenos no Lago Sul e fez mais uma casa na W3 Sul. Em 1972, cansado do comércio varejista, fechou a Name Tecidos, passando a se dedicar exclusivamente à locação dos imóveis.

## Raio X

**Nome:** Felipe Elias Name  
**Idade:** 86 anos  
**Origem:** Sacramento, Minas Gerais  
**Ano de chegada a Brasília:** 1958  
**Profissão:** Empresário  
**Esposa:** Leontina Manzana Name  
**Filhos:** José Carlos, Sônia, Maria Tereza e José Eduardo  
**Netos:** Luciana, Carlos Felipe, Bruno Felipe, Thiago Felipe, Gustavo Felipe, Eduardo, Roberto, Juliana, Laura, Beatriz e Ana Luisa.  
**Bisnetos:** Fernando, Isabela e Luisa

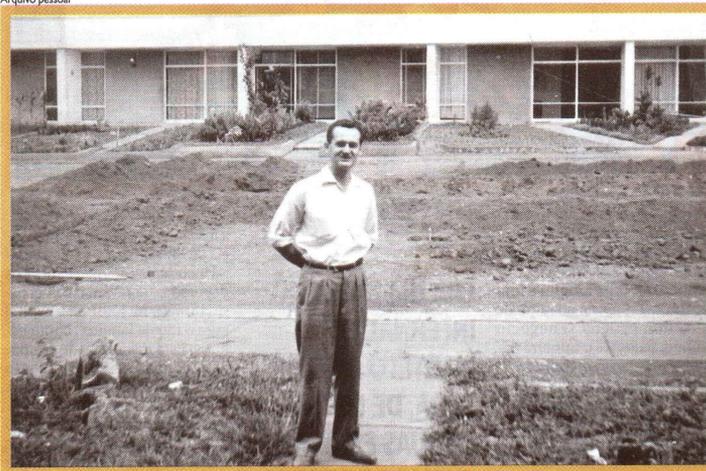


Geraldo Malvar

Mesmo com as difi-  
firme a decisão de

# No cartório, o registro dos primeiros imóveis

Arquivo pessoal



GERALDO EM  
FRENTE ÀS CASAS  
POPULARES DA  
W3 SUL

STELA MÁRIS ZICA  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Até a mudança para Brasília, em agosto de 1960, o funcionário da Usiminas só ouvia falar da nova capital pelos jornais. Geraldo Malvar não imaginava que um dia viria morar por essas bandas. Bem empregado e com pouco tempo de casado seria um risco abandonar tudo para começar do zero, ainda mais longe de casa.

Mal sabia o mineiro de Tarumirim que a antiga amizade, dos tempos de cartório em Belo Horizonte, entre ele e seu xará Geraldo Prates, mudaria a sua vida. “Ele já vinha fazendo a minha cabeça há muito tempo para vir trabalhar em Brasília”, conta. Um belo dia, o pioneiro chegou em casa e deparou com a passagem e algum dinheiro para a viagem em cima da mesa. O amigo se encontrava em Brasília há uns dois meses. “Ele me contava que a cidade oferecia muitas oportunidades de trabalho e um futuro promissor. A oferta era tentadora. Como eu já estava com aquilo na cabeça, procurei o diretor da Usiminas que deu um jeito de me dispensar em 48 horas”, conta. Com a esposa foi mais tranqüilo. “Ela concordou com a ideia e achou que futuramente poderia ser melhor”. O mineiro não se arrependeu. “No início, foi uma aventura. Passamos por uma fase de

adaptação, mas foi tudo superado”, conta. Com o coração partido, ele deixou a esposa Petronilha — imigrante portuguesa — e os filhos Margarete e Geraldo, ainda pequenos, e seguiu viagem rumo a Brasília a bordo de um avião da Expresso Real. “Naquele tempo era difícil conseguir residência aqui, também por isso achei melhor deixar a família lá”.

Depois de duas horas de viagem, o anoitecer no Planalto Central testemunhou a chegada de mais um pioneiro. “Como chegamos com tudo escuro não deu para ver muita coisa, mas no outro dia é que tive o grande impacto. A vastidão do cerrado e as grandes obras por todo lado chamaram a minha atenção”. Segundo o visitante, banhos eram três

por dia devido à poeira constante. “Às vezes eu acordava no meio na noite com a sinfonia dos martelos”, lembra.

Assim como foi para muitos pioneiros, o ritmo alucinante de trabalho e o entusiasmo dos operários em torno das construções que se levantavam da terra inóspita também impressionaram Geraldo. As palavras do amigo eram mesmo verdadeiras. O futuro era aqui mesmo.

## O cartório

Conforme havia prometido, assim que Geraldo chegou foi encaminhado ao primo do amigo — César Prates — proprietário do único cartório de registro de imóveis da região e que estava prestes a ser inaugurado. A inaugura-

ção foi no dia 29 de agosto de 1960, mais precisamente onze dias após a chegada do pioneiro. Essa data ele nunca esquece. E não é para menos, naquele dia seu filho comemorava seu primeiro aniversário, lá em Belo Horizonte. “Como eu estava aqui envolvido com o trabalho e as viagens eram difíceis naquela época, não pude estar lá”, lamenta. A cerimônia de instalação do cartório foi simples, sem muito alê, o que não impediu a presença de algumas socialites. “As moças ficaram um pouco constrangidas porque era uma comemoração simples e elas acabaram tomando um copo d’água e saindo porque não tinha nada”.

O escrevente guarda boas lembranças de quando começou no

cartório. Foi ele que praticou o primeiro ato de registro de imóvel do Distrito Federal. “Me lembro que naquela época era tudo feito à mão, o sistema era manual quando fizemos o primeiro registro da cidade. Foi do antigo Banco of London (Banco de Londres)”, lembra. O Cartório de Registro de Imóveis funcionava na antiga quadra 17 da W3 Sul, atual 707 Sul. Tinha dois pavimentos. No primeiro piso ficava a loja e em cima a residência dos funcionários. O cartório nessa época tinha apenas três funcionários.

Os dez anos de experiência no tabelionato em Minas facilitaram a vida do pioneiro por aqui. Em pouco tempo ele subiu de cargo passando de escrevente a substituto. “Um dos funcionários do cartório, o substituto, ficou apenas três meses em Brasília. Ele voltou para a capital mineira porque não suportou a nostalgia”, afirma. Pouco tempo depois, Geraldo Malvar já era oficial substituto do cartório. Apesar da promoção, a vida não era nada fácil para o pioneiro. Ele enfrentou um longo período de vacas magras. Geraldo não tinha salário fixo, ganhava por comissões. “Além disso, o cartório naquele ano tinha poucos registros por causa da desconfinação dos moradores e empresários que acreditavam no retorno da capital para o Rio de Janeiro. Só depois que Jânio

As dificuldades dos primeiros anos da nova capital, o pioneiro manteve de crescer com a cidade que estava nascendo no Centro-Oeste

GERALDO COM A FAMÍLIA QUE CRESCERAM COM A CIDADE



entrou é que houve uma procura grande pela compra e registro dos imóveis na cidade. A turma que ia sair trouxe logo de assegurar os imóveis que ocupava com medo de perder”, afirma. Segundo Geraldo, a vitória de Jânio provocou uma corrida ao cartório. Foi feito um acordo entre a Novacap — que tinha receio da volta dos funcionários para suas cidades — e a prefeitura de Brasília para a deliberação da venda dos imóveis para que os funcionários continuassem por aqui. “Aí o cartório passou a ter muito serviço”, comemora. Para atender a demanda de trabalho, tiveram que ocupar até os quartos dos funcionários, no andar superior. Com isso, Geraldo e os colegas foram obrigados a mudar. “Cada um foi para um canto”.

O aumento de trabalho significou melhores ganhos. Geraldo pôde finalmente buscar a família que ficou em Belo Horizonte. A nova residência dos Malvar foi na 410 Sul. No apartamento de dois quartos, ficaram por lá quatro anos. Tempo do qual o pioneiro guarda alguns episódios pitorescos. “Me lembro quando uma vez

minha esposa chegou de um aniversário já à noite e, da janela, a vi com o pé atolado no barro. Tinha muita lama na época das chuvas. As crianças também se sujavam muito”, recorda. Para as compras, ele aproveitava o horário de almoço para ir até o SAB (Sistema de Abastecimento de Brasília). Um mercado famoso naquela época que funcionava na 308 Sul. Quando ele chegava do trabalho com as compras, a esposa logo descia as escadas para ajudá-lo. “Ali nas proximidades da 209 e 309 Sul, caminho por onde passavam para o almoço, era tudo cerrado. De tanto passar, fizemos uma trilha ali. Táxi era muito difícil e eu não tinha carro”, conta. O primeiro carro ele nunca esquece. “Em 1962, eu adquirei um Dauphine, da Renault”.

**Visitas**

Em fins de 1964, o cartório se mudou para o Edifício das Pioneiras Sociais, no Setor Hospitalar Sul. Nesse tempo, a loja sempre recebia visitas honrosas de autoridades como Israel Pinheiro e do então presidente Juscelino Kubitschek. “Uma vez depois da vitória

de Jânio Quadros, Juscelino esteve por lá”, recorda. “Ele dizia que não acreditava que pudesse voltar à Presidência em 1965”, completa. Segundo o pioneiro, ele era um homem de muita visão e sempre preocupado com o futuro do país. “Ele tinha a convicção de que Jânio não iria completar o mandato e afirmava que qualquer presidente com menos de 50 anos não tinha habilidades suficientes para dar continuidade ao cargo. É acho que Jânio tinha uns 44 anos quando assumiu o governo”. Foi dito e feito. Jânio governou apenas oito meses.

De acordo com Geraldo, as filhas de JK também costumavam visitar o cartório. A aproximação com JK permitiu ao pioneiro conhecer de perto as idéias e os planos do ex-presidente. “Ele não queria saber de reforma agrária, mas desejava promover o desenvolvimento no campo. Juscelino planejava instalar mil agrovilas para evitar o inchaço dos grandes centros”, revela.

O pioneiro foi testemunha ocular não apenas da construção de Brasília, mas também do seu crescimento. Conta Geraldo

que, depois de 1964, aumentaram o número de registros de imóveis e do financiamento de construções. Foi nesse tempo que as embaixadas foram transferidas para cá. “Até então, o corpo diplomático funcionava no Rio de Janeiro. Eles duvidavam do prosseguimento da capital. A transferência foi induzida pelo ministro das Relações Exteriores, Magalhães Pinto, que baixou uma norma em que não atenderia nenhum diplomata cuja embaixada ainda estivesse no Rio”, explica. Como tudo era registrado no cartório, Malvar recorda de quando elas se instalaram na nova capital. “A embaixada americana foi a primeira delas”, completa.

Com tantas lembranças e as grandes oportunidades de trabalho e estudo que o pioneiro encontrou por aqui — ele chegou com apenas o curso ginasial, e cursou a faculdade de Direito —, hoje o candango se sente realizado e confessa. “Quando vou a outras cidades, como São Paulo, Rio de Janeiro ou Belo Horizonte, e vejo aqueles prédios enormes, sinto um certo esmagamento”.

“ME LEMBRO QUANDO UMA VEZ MINHA ESPOSA CHEGOU DE UM ANIVERSÁRIO JÁ À NOITINHA E, DA JANELA, A VI COM O PÉ ATOLADO NO BARRO. TINHA MUITA LAMA NA ÉPOCA DAS CHUVAS. AS CRIANÇAS TAMBÉM SE SUJAVAM MUITO”

**Raio X**

**Nome:** Geraldo Malvar  
**Idade:** 77 anos  
**Origem:** Tarumirim, Minas Gerais  
**Ano de chegada a Brasília:** 1960  
**Profissão:** Registrador aposentado  
**Esposa:** Petronilha Vieira Malvar  
**Filhos:** Margarete, Geraldo e Marcos  
**Netos:** Marcos, Ana Carolina, Marina, Paula, Bárbara, Gabriela e Geraldo

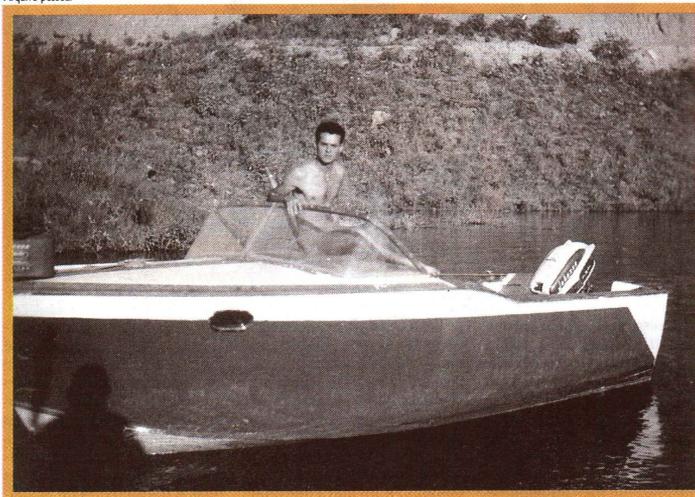
## PIONEIROS



Norival Francisco de Sá

# O destino o trouxe para Brasília

Arquivo pessoal



YINICIUS NADER

ESPECIAL PARA O CORREIO

Que é a Nossa Brasília. Esse é o título do primeiro poema publicado em um jornal local — *A Tribuna* — nos idos de março de 1957. O autor, Norival Francisco de Sá, havia chegado há pouco mais de três meses à nova capital e nem sabia que seus escritos iriam ser publicados. “Um amigo pegou e levou para a redação sem me falar. Quando vi, já estava publicado”, lembra o pioneiro e poeta. Norival chegou aqui em novembro de 1956 e veio atraído apenas pelo anúncio no *Diário Oficial* de que as obras para a construção de Brasília iam começar. O então secretário de Fazenda da cidade mineira Conselheiro Lafaiete nem pensou duas vezes e, sem nunca ter estado no Planalto Central, decidiu se aventurar na nova capital. “Não sei explicar o que aconteceu com as pessoas que vieram para cá naquela época. Acredito que só pode ser uma predestinação, uma coisa de destino mesmo”, afirma Norival. “Larguei tudo que tinha para abraçar um local que não tinha nada”, completa.

Dessa forma, o jovem de cerca de 18 anos deixou Minas Gerais em um avião da Real Aerovias e seguiu até Anápolis, no estado de Goiás, para depois seguir para Brasília na boféia de um caminhão que transportava cimento. Quando essa verdadeira jornada

de duas noites e três dias finalmente chegou ao fim, tudo que o pioneiro queria era conforto. Mas não foi bem isso que Norival encontrou por aqui. “Além de mato, só tinha uma barraca, a da Novacap. E mais nada. A gente dormia em lonas que nós mesmos amarrávamos nas árvores do cerrado”, conta ele, que afirma ter sido o 38º operário a chegar em Brasília. Isso sem falar nas cobras, veados e emas com os quais os pioneiros conviviam “pacificadamente”.

E as dificuldades não paravam por aí: banho, somente no riacho Paranoá; luz elétrica nem pensar; e a agência bancária mais próxima estava a quilômetros e dias de viagem distantes

daqui. “Até a comida que almoçávamos vinha todo dia de Goiânia no avião que Bernardo Sayão tinha. Era arroz, feijão, ovo, farinha, macarrão, tomate e fubá”, completa. A comunicação com a família também era difícil. “Ficamos quase dois anos sem poder mandar notícias para casa. Somente no segundo semestre de 1957, a NovaCap conseguia mandar telégrafos para as capitais com notícias nossas”, conta. Isso sem falar na falta de cartões para realizar casamentos e cemitérios para enterrar os corpos. “Quando Bernardo Sayão morreu, o Congresso Nacional (ainda instalado no Rio de Janeiro) teve que votar uma lei de emergência autorizando o en-

terro aqui em Brasília”, conta. Até mesmo para votar, os pioneiros tinham que ir a Formosa (pioneiros com iniciais entre A e J) ou Luziânia (os demais).

O primeiro emprego de Norival na nova capital foi como responsável pelas balisas de estradas em Brasília. “A gente demarcava os eixos que as máquinas deveriam seguir para construir as ruas e avenidas de Brasília. Não era tão difícil porque Brasília foi uma cidade que ficou pronta primeiro nas pranchetas dos arquitetos”, explica o pioneiro. Norival lembra que a primeira coisa que fizeram foi demarcar a rua que liga o aeroporto — até então uma construção de madeira — ao Cruzeiro. “Peci-

**NORIVAL ERA O RESPONSÁVEL PELO BARCO QUE JUSCELINO USAVA PARA ANDAR PELO LAGO PARANOÁ**

sávamos terminar logo essa demarcação para que a primeira missa da cidade pudesse ser celebrada”, afirma. Aliás, difícil era encontrar a obra que não precisasse ser concluída com pressa. “Os prazos eram tão pequenos que não acreditávamos que a obra fosse terminar a tempo. Para dar conta do recado, dormíamos em média três horas por dia e trabalhávamos até mesmo dia de Natal e domingos”, lembra Norival, sem nenhuma ponta de arrependimento.

A pressa aumentava ainda mais porque o material das estruturas metálicas usadas na construção seguia uma verdadeira via crucis até chegar aqui, partindo dos EUA, passando por Santos e Anápolis até vir para Brasília. Como chovia muito em Brasília, muitas vezes os pioneiros trabalhavam molhados mesmo. “Como éramos jovens, tínhamos a saúde muito forte e quase não adoecíamos. Mesmo assim, uma vez por mês a NovaCap nos fazia ir ao médico para ver se estava realmente tudo bem”, lembra.

Somente no fim de 1957, as coisas começaram a melhorar para os pioneiros de Brasília, pois o ano marca a inauguração da Cidade Livre, que trouxe para cá duas agências bancárias e dos correios e telégrafos, as farmácias e os armazinhos. “Tudo de madeira, pois a primeira construção em alvenaria foi o Brasília Palace Hotel”, ressalta. Primeiro,

## PIONEIROS

Sem pensar duas vezes, o pioneiro deixou o emprego público em Conselheiro Lafaiete (MG) para ajudar na construção da nova capital em 1956

Arquivo pessoal



A PAIXÃO PELA TAMBÉM PIONEIRA MARIA CÉLIA FEZ COM QUE NORIVAL CRIASSE LAÇOS AINDA MAIS PROFUNDOS COM A CIDADE. AQUI CRIOU OS FILHOS E CURTE OS NETOS

“  
A GENTE  
DEMARCAVA OS  
EIXOS QUE AS  
MÁQUINAS  
DEVERIAM  
SEGUIR PARA  
CONSTRUIR AS  
RUAS E AVENIDAS  
DE BRASÍLIA.  
NÃO ERA TÃO  
DIFÍCIL PORQUE  
BRASÍLIA FOI  
UMA CIDADE QUE  
FICOU PRONTA  
PRIMEIRO NAS  
PRANCHETAS  
DOS ARQUITETOS

vieram os acampamentos da NovaCap. “Fui morar no primeiro Alojamento para Funcionários Solteiros, que ficava onde hoje é a Candangolândia”.

Depois, em janeiro de 1958, foi inaugurado o primeiro restaurante comunitário, onde os pioneiros que trabalhavam na Cidade Livre faziam suas refeições. Mas não era esse o caso de Norival, que nessa época já estava chefiando o Departamento de Finanças e Administração da equipe que construía a Barragem do Paranoá. “O nosso restaurante só ficou pronto em junho de 1958. Até lá um jipe da Novacap ia todo dia levar nosso almoço porque as obras não poderiam parar o tempo de irmos até a Cidade Livre e voltarmos depois para trabalhar”, afirma o pioneiro, que antes de estar à frente da obra “mais cara e mais demorada de Brasília” trabalhou na Usina de Saia Velha, a primeira de Brasília. “Era mais um quebra-galho do que uma usina propriamente dita. Qualquer grande fazendeiro da re-

gião tinha uma estação de luz maior do que a nossa”, confessa Norival. A barragem só conseguiu ser inaugurada em 21 de abril de 1960, mesma data da inauguração da cidade. “Juscelino inaugurou a barragem no fim da tarde e Brasília no mesmo dia à noite”, lembra.

Dos grandes nomes da história da construção de Brasília, Norival lembra de ter estado perto de pelo menos dois: o presidente Juscelino Kubitschek e o arquiteto Oscar Niemeyer. O primeiro é definido pelo pioneiro como uma pessoa incansável e simples. “Ele visitava todas as obras da cidade, sem exceção. Se fosse preciso entrar em um buraco para cumprimentar um obreiro, ele ia sem problema nenhum”, garante Norival, que era um dos responsáveis por guardar a lancha com a qual o presidente se locomovia no Paranoá. Com Niemeyer, Norival trabalhou diretamente, no Departamento de Arquitetura e Urbanismo. “Ele é uma pessoa que está

sempre de alto astral, aberta e brincalhona. Ao contrário de Lucio Costa, que chegava para trabalhar e ficava lá no escritório dele, sem quase falar com a gente”, compara o pioneiro.

Com a inauguração, Norival pôde observar a cidade que tinha ajudado a construir. “Enquanto estávamos trabalhando na construção, não apreciava o resultado do nosso esforço porque logo estava construindo outra coisa”, confirma. Também foi a partir de 1960 que os pioneiros passaram a se considerar trabalhadores de verdade, com um “horário normal e folgas semanais como qualquer outro”. Com mais calma para pensar em outros assuntos que não trabalho, Norival acabou apaixonado pela também pioneira Maria Célia, com quem se casou e teve dois filhos nascidos aqui. Com a certeza de que faria tudo de novo, o poeta Norival finaliza, emocionado: “Chegamos aqui com um grande sonho e o que construímos foi uma realidade”.

## Raio X

**Nome:**  
Norival Francisco de Sá  
**Idade:**  
64 anos  
**Origem:**  
Conselheiro Lafaiete,  
Minas Gerais  
**Ano que chegou em Brasília:**  
1956  
**Profissão:**  
Funcionário Público  
aposentado  
**Esposa:**  
Maria Célia de Sá  
**Filhos:**  
Robespierre e Robertson  
**Netos:**  
Gabriel, Priscila, Felipe e Davi

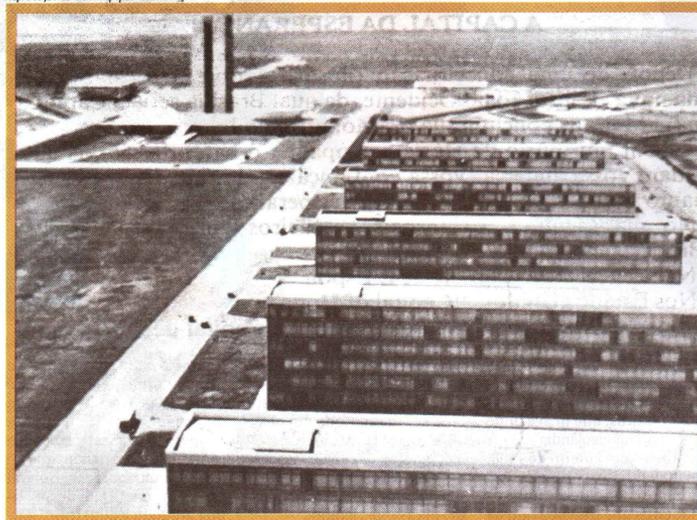
## PIONEIROS



Victor Alegria

# Um incentivador da cultura nos primeiros anos da nova capital

Reprodução do livro *A epopéia da construção de Brasília*



**A VISTA DA ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS ERA UMA DAS PREFERIDAS DE VICTOR, QUE COMPROU LOJA NO HOTEL NACIONAL**

BIANCA CHIAVICATTI  
ESPECIAL DO CORREIO

Em Portugal, país de origem, Victor Alegria, hoje com 67 anos, ouvia falar de uma cidade fantástica que havia sido inaugurada como a nova capital do Brasil. Os oportunistas aproveitavam o momento e, de lá, vendiam terrenos até dentro do Lago Paranoá. Cansado das constantes perseguições da ditadura salazariana, Alegria escolheu o Brasil para se refugiar. Desembarcou no Rio de Janeiro no primeiro dia de dezembro de 1963 já com a idéia de conhecer o tão falado Distrito Federal.

A chegada na capital da República aconteceu quinze dias mais tarde. Alegria encantou-se com os grandes espaços abertos da cidade e da proximidade entre os poucos moradores que viviam aqui. "No Rio de Janeiro, como qualquer outra metrópole, mesmo acompanhado, a sensação era de que se estava sempre sozinho", justifica.

Embora inaugurada desde abril de 1960, Brasília permanecia incompleta com várias obras a serem concluídas, algumas ainda a serem iniciadas, como a Asa Norte. "Havia apenas alguns barcos de madeira na W3 Norte", conta. "A única com construção de alvenaria ficava na altura da 507/8 e pertencia a uma loja chamada Mundo das Tintas", com-

pleta. Sem conhecidos aqui, Alegria hospedou-se em um hotel chamado Bagdá, que funcionava na altura da 702 Norte.

A hospedagem no pequeno estabelecimento de madeira não demorou. Decidido a permanecer no Planalto Central, Alegria alugou duas lojas na galeria comercial do Hotel Nacional. O hotel era um dos locais mais frequentados pelas autoridades e personalidades que visitavam Brasília. Os ministros do Supremo Tribunal Federal moravam lá. Reis e rainhas, em visita oficial ao governo brasileiro, hospedavam-se no hotel. "Era uma referência de status nacional", afirma Alegria.

O movimento intenso do hotel

atraía os moradores da cidade e agitava as lojas que funcionavam na galeria em frente à entrada principal. Na galeria funcionavam uma casa de chá, uma sapataria, o banco Lar Brasileiro, uma loja de jornais e souvenirs que se chamava A Legenda e um espaço onde eram ministrados cursos de arte. Além dos serviços e mercadorias oferecidas, o ponto possuía uma das vistas mais privilegiadas da capital. "O horizonte era perfeito, sem o Conjunto Nacional e o Conic, via-se toda a Esplanada dos Ministérios", recorda-se o português.

## Livraria Encontro

As duas lojas alugadas por Ale-

gria deram espaço a um dos mais importantes centros culturais da cidade na década de 60 — a Livraria e Galeria Encontro. Além de contar com as principais novidades literárias da época, Alegria organizava exposições de arte, conferências e outros eventos. No subsolo, havia uma estrutura pequena para apresentações teatrais.

Com poucas opções de entretenimento e cultura na cidade, a livraria tornou-se rapidamente ponto de encontro e confraternização de intelectuais, políticos e estrangeiros. Alegria fazia de tudo para não decepcionar os clientes. "O presidente Costa e Silva mandava oficiais comprarem li-

vroso comigo para sua biblioteca particular", conta. "Lembro-me de uma vez em que ele queria uma edição do livro *As Lustadas* encadernada, difícil, e eu tive que providenciar", conta.

A Encontro funcionava todos os dias até o último cliente, inclusive aos finais de semana, ficando aberta até as duas, três horas da manhã. Para ajudá-lo, Alegria contratava os funcionários que se ofereciam e treinava-os, tornando a livraria uma espécie de escola quando a cidade ainda não tinha nem Secretaria de Cultura. "Muitas pessoas que movimentam hoje a cultura local foram meus funcionários", afirma.

Sem moradia certa, Alegria seguiu o exemplo de vários comerciantes da cidade e passou a viver no primeiro andar da loja.

## Perseguição política

Mesmo com os períodos de crise pelos quais a cidade passava, Alegria não tinha dúvidas quanto à consolidação de Brasília como capital federal. "Era óbvio que a cidade se desenvolveria", diz. Mas os boatos de retorno da administração federal para o Rio de Janeiro prejudicavam a todos. "A cidade passava por períodos de grande vazio, com pouquíssimo movimento nas ruas, o comércio quase parado e as construções paralisadas", recorda-se. "Neste período, dizia-se, por exemplo, que a única coisa que funcionava

## PIONEIROS

Cansado da ditadura salazariana, em Portugal, o pioneiro mudou-se para o Brasil. Quinze dias depois de chegar ao Rio de Janeiro, veio conhecer Brasília e decidiu ficar

“  
A CIDADE  
PASSAVA POR  
PERÍODOS DE  
GRANDE VAZIO,  
COM  
POUQUÍSSIMO  
MOVIMENTO NAS  
RUAS, O  
COMÉRCIO  
QUASE PARADO  
E AS  
CONSTRUÇÕES  
PARALISADAS.  
NESTES  
PERÍODOS,  
DIZIA-SE, POR  
EXEMPLO, QUE A  
ÚNICA COISA  
QUE  
FUNCIONAVA  
AQUI ERAM OS  
AVIÕES”



O CASAMENTO DE VICTOR COM MARIA ÍSIS FEZ COM QUE O PIONEIRO TROCASSE SOBRADINHO PELO PLANO PILOTO

aqui eram os aviões”, comenta. O golpe militar, segundo o português, ajudou a firmar de vez a capital em Brasília. As preocupações políticas nacionais tornaram-se outras e, além disso, era estratégico para o governo federal, com o Congresso fechado, permanecer no centro do país, longe do litoral.

Os anos de ditadura, entretanto, não foram felizes para Alegria, que havia partido para o Brasil em busca de paz. Como responsável pela venda de livros na capital federal, Alegria era mantido no alvo dos funcionários responsáveis por censurar qualquer material considerado “subversivo”. O critério de julgamento era pessoal e indiscutível. Por causa disso, Alegria foi preso duas vezes. Na primeira, o motivo foi a comercialização de uma edição comentada do livro *Diário de Che Guevara*. Alegria ficou enclausurado por dois meses e meio.

Na segunda vez, em 1976, Alegria foi preso por ser o responsável pela redação de uma coluna literária no *Jornal de Brasília*. A prisão durou cerca de quatro meses

e foi suficiente para desanimá-lo a manter a livraria Encontro aberta. “Era muito difícil trabalhar sob ameaça constante”, diz.

Em busca de uma nova moradia, Alegria comprou uma casa em Sobradinho, onde montou a gráfica e editora Coordenada. “Escolhi a cidade porque ficava na região serrana do Distrito Federal e eu gostava do clima de lá”, afirma. “As ruas da cidade ainda não eram asfaltadas e a estrada que levava até lá era uma pista de mão e contramão, muito perigosa”, completa. Vendo a cidade no tamanho que está hoje, Alegria se surpreende. “Ninguém imaginava que Sobradinho cresceria porque ficava próximo à zona rural”.

Em busca de preços mais baratos, Alegria montou o depósito de livros da editora em Formosa. A gráfica passou a participar de concorrências públicas para fechar contratos com o serviço público federal. Para mostrar a infra-estrutura da empresa, Alegria ia até o Plano Piloto buscar os possíveis clientes. Os serviços gráficos sustentavam a paixão de Alegria — a

edição e publicação de livros.

Alegria permaneceu em Sobradinho por cinco anos, até casar-se com Maria Ísis Bezerra de Mello, no início da década de 80, quando passou a viver em um apartamento na 105 Norte.

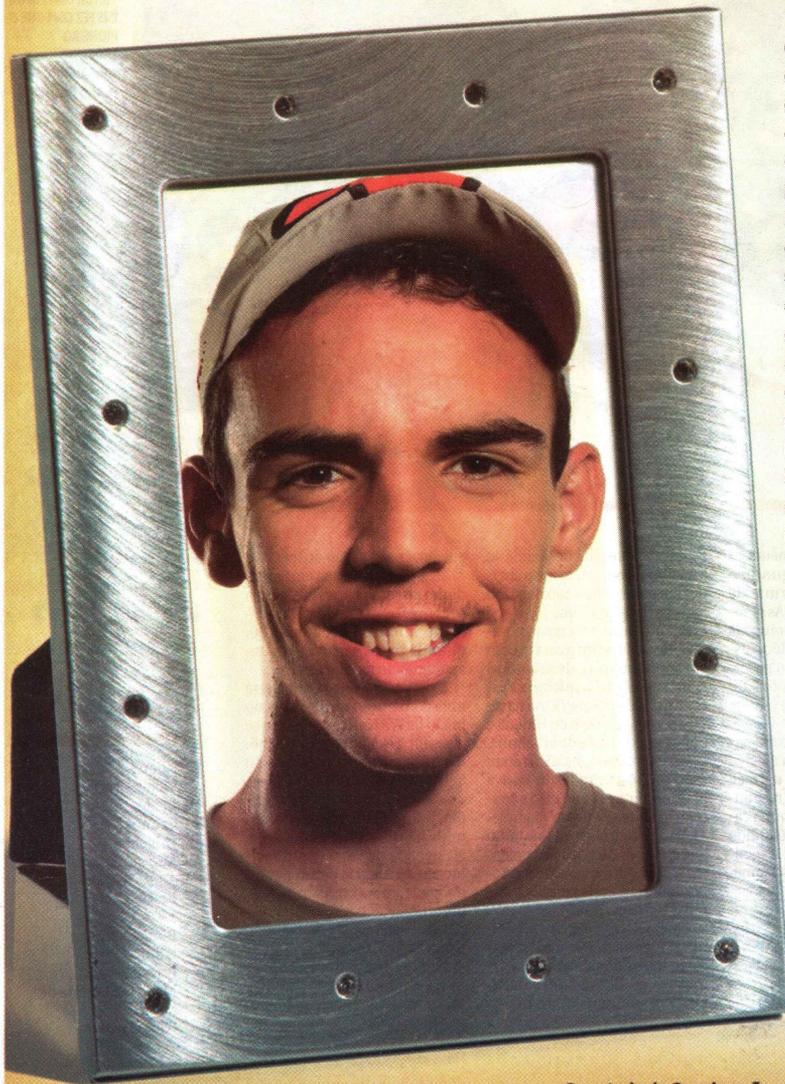
A gráfica foi transferida para uma construção de madeira, no início da W3 Norte, e passou a se chamar Thesaurus. Em 1986, Alegria comprou um terreno no Setor de Indústrias Gráficas e deu início à construção do prédio de 2,5 mil metros quadrados onde a editora funciona hoje. Na década de 90, o reconhecimento de Alegria como personalidade importante da cultura literária local o levou a participar da organização da Feira do Livro, entre 1992 e 1997.

Hoje, enraizado na cidade que escolheu para viver, Alegria sonha ver aberta pelo menos uma biblioteca pública em cada cidade do Distrito Federal. Continua também a organizar encontros, exposições e conferências nas instalações da editora e a apoiar a produção literária local.

## Raio X

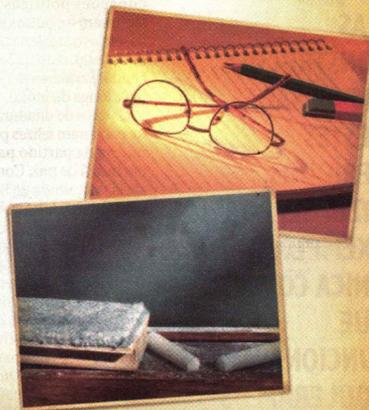
Nome:  
Victor Alegria  
Idade:  
67 anos  
Origem:  
Arouca, Portugal  
Ano de chegada a Brasília:  
1963  
Profissão:  
Editor  
Esposa:  
Maria Ísis Bezerra de Mello  
Filhos:  
Tagore, Manuela Raquel, Marcelo, Andrea e Lídia Gabriela  
Netos:  
Daniel e Suzana

## O GILSON FEZ BESTEIRA SIM, MAS PUNI-LO SERIA FAZER OUTRA.



Gilson abandonou a escola, fez amizades erradas, cometeu pequenos furtos e acabou na Vara da Infância e da Juventude. Mas o juiz, em vez de condená-lo, decidiu aplicar uma medida socio-educativa de prestação de serviços à comunidade. Gilson foi encaminhado para o **Passando a Limpo**, programa do GDF que coloca a garotada para trabalhar nas Administrações Regionais. Lá eles tiram cópias, fazem serviços de biblioteca, informática, e saem recuperados para o convívio com a família e a sociedade. Além do Gilson, outros 200 adolescentes ganharam vida nova no Passando a Limpo. Mas a preocupação do GDF não é só resgatar jovens em conflito com a lei. Prevenção é o segredo. Esporte à Meia-Noite, Picasso Não Pichava e o Atendimento Infante-Juvenil Complementar nos Centros de Orientação Socioeducativa são bons exemplos. Tudo para que histórias como a do Gilson não se repitam. Mesmo que elas terminem bem.

**PASSANDO A LIMPO.**  
EDUCAÇÃO EM VEZ DE PUNIÇÃO.



Secretaria de Coordenação  
das Administrações Regionais

Agência de  
Desenvolvimento Social

